



“Um em um milhão”: Uma jornada de uma mulher de cor pós-colonial na academia branca

Priscila Brito Farias¹

**“One in a million”:
A journey of a post-colonial woman of colour in the white academy**

¹ Mestre em Educação pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Pedagoga na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: priscilafarias@reitoria.ufmg.br.

Resumo

Esta resenha tem por objetivo apresentar fragmentos do percurso acadêmico da professora de “cor” Heidi Safia Mirza, publicizado no terceiro capítulo do livro *Inside the Ivory Tower: Narratives of women of colour surviving and thriving in British academia*, e também motivar outras mulheres “de cor” em suas estratégias de sobrevivência, frente ao racismo no espaço acadêmico.

Palavras-chave: Racismo; Mulheres “de Cor”; Universidades.

Abstract

This review aims to present fragments of the academic career of Professor of “color” Mirza, published in the third chapter of the book *Inside the Ivory Tower: Narratives of women of color surviving and thriving in British academia*, also to motivate other women of color with their survival strategies in the face of racism in the academic space.

Keywords: Racism; Women “of Color”; Universities.

‘*One in a million*’: *A journey of a post-colonial woman of colour in the White academy* (“Um em um milhão”: Uma jornada de uma mulher “de cor” pós-colonial na academia branca - tradução nossa) compõe uma coletânea de dez textos publicados no livro *Inside the Ivory Tower: Narratives of women of colour surviving and thriving in British academia* (Por dentro da Torre de Marfim: narrativas de mulheres negras sobrevivendo e prosperando na academia britânica, 2017 - tradução nossa), organizado por Shirley Anne Tate, professora de raça e educação da *Carnegie School of Education, Leeds Beckett University*, Reino Unido e professora honorária na cadeira de estudos críticos na transformação do ensino superior na universidade Nelson Mandela, África do Sul, em parceria com a Dra. Deborah Gabriel, acadêmica especializada em raça, gênero, mídia cultural e comunicação.

Privilegiamos nesta resenha o capítulo três, ‘*One in a million*’: *A journey of a post-colonial woman of colour in the White academy*“, escrito por Heidi Safia Mirza, professora visitante de raça, fé e cultura na *Goldsmiths, University of London* e professora emérita em *Equalities Studies no UCL Institute of Education*, onde discute-se, a partir do lugar de fala de uma mulher “de cor”² pós-colonial, nascida e criada em Trinidad até os dez anos de idade, os processos de “ser e tornar-se” um sujeito de gênero e raça do discurso acadêmico e educacional a partir da personalização de sua narrativa “corporificada” e documentada por meio do método auto etnográfico.

A professora Mirza (2017), com o aporte teórico de feministas negras como bell hooks, Patricia Hill Collins, Maya Angelou, Kimberlé Crenshaw, anuncia que ser “uma em um milhão” é algo como um símbolo exótico, um símbolo institucional, uma mentora, confidente e uma ‘especialista natural’ em todas as coisas a ver com ‘raça’, é algo que as mulheres “de cor” pós-coloniais recontam em suas carreiras na academia. A exemplo disso, temos bell hooks, Patricia Williams, Shirley Tate, entre outras.

A chegada de um corpo negro na academia branca normativa é forjada como evidência de que não existem mais espaços restritos a branquitude e a presença de pessoas “de cor” seria o marco dessa diversidade, também reforçada pelas imagens

² No Reino Unido usa-se a expressão “de cor” para se referir as pessoas da raça negra.

de uma suposta inclusão refletida através dos rostos felizes de estudantes e professores (as) constantemente publicizados nos sites das instituições, como forma de aparentar apoio e orgulho a essas pessoas que, no “acender das luzes”, são desqualificadas internamente pelas múltiplas formas de opressão que rodam o espaço acadêmico.

Falar sobre racismo, na opinião da autora, é, de fato, introduzir sentimentos ruins, desconfortáveis, indesejados e não apenas representar o papel da “diversidade feliz”. Por isso, aconselha-nos, feministas negras, a permanecermos ‘doloridas’, ‘irritadas’, magoadas, recusando-se a passividade discursiva, as conveniências políticas institucionais e, sobretudo, atuar como ‘objetos felizes’ de uma falsa diversidade em nossas universidades.

Nesse ínterim, Mirza (2017) reforça que há muitas maneiras pelas quais as mulheres “de cor”, que não representam a ‘norma somática racial’ nas academias brancas, deparam-se com o racismo institucional, isto é: a visível “desorientação”, uma surpresa quando você (seu corpo “de cor”) entra em uma sala de aula (como professora), reunião de departamento, palestras e afins. É como se dissessem com o olhar, com a expressão facial, comportamental, o silêncio ou fala descoordenada, que esse não é o seu lugar. Além disso, a desqualificação profissional representada pela tendência de desmerecer as conquistas acadêmicas de professoras negras. Também, apropriar-se de suas vozes para, então, negá-las, apagá-las, por um senso não reflexivo que autoriza brancos (as) a falar sobre e através de pessoas negras como os (as) detentores (as) da verdade universal.

Quando nos interrogamos sobre as estratégias de existência e resistências de Mirza (2017) nesses trinta anos de vida acadêmica, afinal (metaforicamente) ela é “um em um milhão”, encontramos preciosas pistas, ou seja, pensar a *interseccionalidade* como um conceito que fornece ferramentas teóricas para a reflexão de dos percursos sociais e profissionais das mulheres de cor, a segunda dimensão seria participar de comunidades de mulheres acadêmicas negras nas universidades, desse modo, fortalecendo-se no coletivo, individual e epistemológico, além disso atentar-se para o fato de que as nossas narrativas precisam ser invocadas como uma forma de questionar a essência corporificada de práticas discriminatórias institucionalizadas sistêmicas, pois, ao mesmo tempo que nossas histórias podem iluminar a de outras pessoas, de uma maneira pessoal, situar o ‘eu’ no texto também pode ser um risco, visto que expor suas histórias de

vida mais íntimas e, por conta disso, tornarem-se (suas vidas pessoais) objetos de curiosidade e maledicência pública.

Como forma de sobreviver e ter sucesso dentro da academia, Mirza (2017) revela que desenvolveu uma prática pedagógica radical subversiva "tranquila" que a permite operar dentro, entre, sob e ao lado do discurso educacional dominante, através de 'atos de cuidado' feministas e 'outras formas de saber'.

A pedagogia feminista negra de esperança e transformação educacional realizada de dentro das 'paredes' de nossas instituições historicamente racistas pode parecer 'conservadora' na superfície, com seu foco na inclusão e no diálogo com o *mainstream*. No entanto, para as mulheres negras e pós-coloniais de cor, a educação não é simplesmente um mecanismo pelo qual os indivíduos são inconscientemente submetidos ao sistema ideológico dominante, mas sim, como Paulo Freire (2004) argumenta, é o terreno no qual adquirimos consciência de nossa posição e luta (MIRZA,2017,p.85).

Por fim, Mirza (2017) ajuda-nos a compreender que a “torre de marfim”, ou seja, a universidade, pode ser um lugar hostil e doloroso para as mulheres “de cor” pós-coloniais, mas também um local de privilégio, influência, alegria, especialmente quando chegam os novos estudantes e seus sorrisos cheios de esperança em suas ‘odisseias de autodescoberta’. O racismo está vivo, mas fiquemos esperançosos e fortes ao lado dessa nova geração de jovens “de cor” levantando-se como as (os) novas (os) intelectuais “de cor” e pós-coloniais desses nossos tempos.

Artigo recebido em 14 de setembro de 2020.

Aprovado para publicação em 18 de novembro de 2020.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. São Paulo: UNESP, 2004. p. 332.

GABRIEL, Deborah; TATE, Shirley Anne (Eds.). *Inside the Ivory Tower*. Narratives of women of colour surviving and thriving in British academia. London: UCL Institute of Education Press, 2017.

MIRZA, Heidi Safia. ‘One in a million’: A journey of a post-colonial woman of colour in the White academy. In: GABRIEL, Deborah; TATE, Shirley Anne (Eds.). *Inside the Ivory Tower*: Narratives of women of colour surviving and thriving in British academia. London: UCL Institute of Education Press, 2017.